



FELICIDADE: Uma questão filosófica

HAPPINESS:
A philosophical question

Claudinei Nascimento – UFC – Fortaleza – Ceará – Brasil
spepiocn@gmail.com

RESUMO

Analisando a construção do pensamento filosófico é possível observar que as discussões acerca do tema felicidade têm sido recorrentes e, mesmo que este tenha sido objeto de acareação por diversos filósofos, em diferentes contextos históricos, socioculturais e econômicos, o tema felicidade é uma questão axiomática no século XXI. A presente síntese tem como objetivo fundamentar o debate qualificado sobre a felicidade dentro da perspectiva filosófica, discorrendo sobre a origem e conceituação da filosofia e noções sobre a felicidade. Ao analisar os estudos acerca da felicidade, observa-se que questões correlatadas têm sido utilizadas para aferir o nível de felicidade da população mundial e que questões subjetivas, relacionadas à individualidade do ser têm sido desconsideradas. Nesse sentido considera-se válida a retomada do exercício filosófico proposto por Sócrates que tem no autoconhecimento as condições primordiais para conhecer o espírito humano e sua capacidade para conhecer a verdade. Assim, recomenda-se que o exercício investigativo sobre a felicidade seja acompanhado de uma abordagem filosófica, embasada em um método que considere questões relativas à subjetividade dos indivíduos e a sua percepção sobre o que seja de fato a felicidade e os fatores associados ao ser feliz.

Palavras-chave: Filosofia. Felicidade. Reflexão Filosófica.

ABSTRACT

Analyzing the construction of philosophical thought, it is possible to observe that the discussions about the theme of happiness have been recurrent and, even though it has been object of confrontation by several philosophers, in different historical, sociocultural and economic contexts, happiness is an axiomatic question in the 21st century. The present synthesis aims to ground the qualified debate about happiness within the philosophical perspective, discussing the origin and conceptualization of philosophy and notions about happiness. In analyzing the studies about happiness, it is observed that correlated questions have been used to gauge the level of happiness of the world population and that subjective questions related to the individuality of being have been disregarded. In this sense it is considered valid the resumption of the philosophical exercise proposed by Socrates that has in the self-knowledge the primordial conditions to know the human spirit and its capacity to know the truth. Thus, it is recommended that the investigative exercise on happiness be accompanied by a philosophical approach, based on a method that considers issues related to the subjectivity of individuals and their perception about what is in fact happiness and the factors associated with being happy

Keywords: Philosophy. Happiness. Philosophical reflection.

INTRODUÇÃO

Por meio do pensamento filosófico é possível observar que as discussões acerca do



tema felicidade têm sido recorrentes e, mesmo que este tenha sido objeto de acareação por diversos filósofos, em diferentes contextos históricos, socioculturais e econômicos, o tema felicidade é uma questão axiomática no século XXI.

A presente síntese tem como objetivo fundamentar o debate qualificado sobre a felicidade dentro da perspectiva filosófica, discorrendo sobre a origem e conceituação da filosofia e noções sobre a felicidade e sua construção ao longo da história. Para o desenvolvimento deste ensaio empreendeu-se pesquisa bibliográfica, partindo da identificação e leitura de referencial teórico que tivesse aderência à temática felicidade na perspectiva filosófica. O levantamento de títulos se deu em bibliotecas físicas e bases de dados virtuais como Scielo, Biblioteca Digital da USP, Revista Ensaios, dentre outros periódicos eletrônicos com qualificação *Qualis* CAPES.

Considera-se que o tema proposto para esta síntese seja uma importante e oportuna discussão, que faz frente a questões próprias da sociedade contemporânea no enfrentamento de problemas como depressão e outras situações que levam à infelicidade, a partir da revisão da abordagem filosófica proposta por Sócrates, baseado no autoconhecimento e no método que compreende a ironia e a maiêutica.

Dessa maneira pretende-se demonstrar como a filosofia pode ser aplicada para embasar as ações dos indivíduos e da sociedade na busca por melhor qualidade de vida, demonstrando a relevância da reflexão filosófica e como ela pode ser utilizada como ferramenta para elevar a compreensão científica sobre questões de grande importância para a humanidade e que escapamos métodos da ciência moderna.

FILOSOFIA: ORIGEM HISTÓRICA

Na ânsia de desvendar os mistérios do mundo e compreender os seres que nele habitam, o conhecimento filosófico foi ao longo do tempo suplantando os mitos e as crenças religiosas. A formação do pensamento filosófico se deu na passagem do mito (*mýthos*) para a razão (*lógos*). As divindades têm sua importância relativizada pela razão a partir dos elementos existentes na natureza estudados pelos pré-socráticos (DEPINÉ; GOMES; SOARES, 2009).



Estima-se que a filosofia tenha surgido entre o final do século VII e início do século VI a.C, nas colônias gregas da Ásia Menor (particularmente as que formavam uma região denominada Jônia), na cidade de Mileto. O primeiro filósofo teria sido Tales de Mileto (CHAUÍ, 2000, p.28).

Esse período, denominado pré-socrático, ficou caracterizado por inaugurar o pensamento crítico sobre a origem das coisas, marcando a passagem do pensamento mitológico para o pensamento racional. Em outras palavras, ao nascer, a filosofia teve definida a sua busca: uma explicação racional sobre a origem e ordem do mundo (*kósmos*), ou seja, de caráter cosmológico (DEPINÉ; GOMES; SOARES, 2009, p.1658).

Além de possuir data e local de nascimento e de possuir seu primeiro autor, a Filosofia também possui um conteúdo preciso ao nascer: é uma cosmologia. A palavra cosmologia é composta de duas outras: *cosmos*, que significa mundo ordenado e organizado, e *logia*, que vem da palavra *logos*, que significa pensamento racional, discurso racional, conhecimento. Assim, a Filosofia nasce como conhecimento racional da ordem do mundo ou da Natureza, donde cosmologia (CHAUÍ, 2000, p. 28).

O período pré-socrático é normalmente dividido pelos historiadores em quatro grandes escolas, em geral coexistentes: Escola Jônica; Escola Pitagórica ou Itálica; Escola Eleata; e, Escola Atomista. É habitual considerar a Escola Jônica como a iniciadora da reflexão filosófica na Grécia (DEPINÉ; GOMES; SOARES, 2009, p. 1658).

A pergunta inaugural do pensamento filosófico “de que são feitas as coisas” desencadeia o questionamento da visão mitológica conduzindo, gradativamente, à uma concepção racional, onde se buscava entender do que eram feitos o homem e o mundo. Tinham como objetivo descobrir a substância única, a causa, o princípio do mundo natural, a origem de todas as coisas (*arché*).

A grandeza da primeira fase da filosofia, reside no fato de ter “formulado questões, problemas e condições da ciência e da filosofia, que permanecem significativas até hoje” (OLIVA; GUERREIRO, 2000, p.10).

Importante ressaltar que o surgimento da filosofia se deu diante de um contexto material, isto é, condições econômicas, sociais, políticas e históricas que permitiram o seu surgimento, tais como as viagens marítimas, a invenção do calendário, da moeda e da escrita alfabética, o surgimento da vida urbana e a invenção da política.

As viagens marítimas desencadearam um processo de desmistificação do mundo, que



passou, assim, a exigir uma explicação sobre sua origem, explicação que o mito já não podia oferecer. Descobriu-se, por exemplo, que os locais que os mitos diziam habitados por deuses, titãs e heróis eram, na verdade, habitados por outros seres humanos (CHAUÍ, 2000, p. 36).

A invenção do calendário permitiu uma percepção do tempo como algo natural e não como um poder divino incompreensível. A invenção da moeda permitiu uma troca abstrata, revelando, portanto, uma nova capacidade de abstração e de generalização. A invenção da escrita alfabética, que também revela o crescimento da capacidade de abstração e de generalização. O surgimento da vida urbana e a decorrente diminuição do prestígio das famílias da aristocracia, para quem e por quem os mitos foram criados e o surgimento de uma classe de comerciantes ricos, patrocinadores das artes e do conhecimento, favorecendo um ambiente onde a Filosofia poderia surgir (CHAUÍ, 2000, p. 36).

E por fim, a invenção da política, que introduz três aspectos novos e decisivos para o nascimento da Filosofia: a ideia da lei como expressão da vontade de uma coletividade humana que decide por si mesma o que é melhor para si, a partir da racionalidade; o surgimento de um espaço público e a política, que estimulam um pensamento e um discurso que procuram ser públicos, ensinados, transmitidos, comunicados e discutidos. A ideia de um pensamento que todos podem compreender e discutir, que todos podem comunicar e transmitir, é fundamental para a Filosofia (CHAUÍ, 2000, p. 37).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que a Filosofia tenha surgido a partir do momento em que o homem descobre que a verdade do mundo não é decorrente do caos e que os fatos e fenômenos poderiam ser explicados a partir de determinada lógica. “Eis que descobrir a verdade do mundo e dos seres humanos não era algo secreto e misterioso, que precisasse ser revelado por divindades a alguns escolhidos, mas que, ao contrário, podia ser conhecida por todos, através da razão, que é a mesma em todos” (CHAUÍ, 2000, p. 36).

Sobre o termo filósofo, estima-se que tenha sido utilizado pela primeira vez no século VI a.C por Pitágoras (570-495 a.C), por não se considerar um sábio (*sophos*), mas sim alguém que ama busca por conhecimento (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 19). Assim, tanto a filosofia quanto o filósofo se lançam à busca pelo conhecimento.

A partir do século IV, a filosofia ganha novo viés com a influência de Sócrates (469-399



a.C). Em linhas gerais pode-se afirmar que a filosofia pré-socrática se ocupava de entender a origem das coisas. Em Sócrates, a filosofia é desenvolvida a partir do viés antropológico, isto é, situa o homem e o seu autoconhecimento enquanto ser social e a partir dos aspectos éticos, morais, espirituais e psíquicos, como a questão fundamental da filosofia.

Sócrates propunha que, antes de querer conhecer a Natureza, cada um deveria, primeiro e antes de tudo, conhecer-se a si mesmo. A expressão “conhece-te a ti mesmo” que estava gravada no pórtico do templo de Apolo, patrono grego da sabedoria, tornou-se a divisa de Sócrates (CHAUÍ, 2000, p. 44).

Por fazer do autoconhecimento ou do conhecimento que os homens têm de si mesmos a condição de todos os outros conhecimentos verdadeiros, é que se diz que o período socrático é antropológico, isto é, voltado para o conhecimento do homem, particularmente de seu espírito e de sua capacidade para conhecer a verdade (CHAUÍ, 2000, p. 44).

Assim, a partir de Sócrates a filosofia não só ganha um novo objeto e objetivo, como também um método, consistente na prática sistemática do filosofar. O método desenvolvido por Sócrates, ou, o modo de exercitar o filosofar em Sócrates, continha duas etapas: a primeira denominava-se “ironia”, que em grego significa “perguntar”, e a segunda denominava-se maiêutica, que em grego significa “dar à luz”, “parto” (MORENTE, 1976, p.45; LUCKESI & PASSOS, 2000, p.94).

A ironia tinha por objetivo questionar o entendimento comum que os interlocutores de Sócrates tinham dos fenômenos, fatos e acontecimentos individuais e coletivos do dia-a-dia. Pela maiêutica Sócrates trabalhava para que seus interlocutores dessem à luz ideias verdadeiras, conceitos universais. A pretensão de Sócrates era chegar à verdade, que se compunha de um mundo de conceitos universais, coerentes e moralmente honestos. O objetivo último do filosofar por intermédio do diálogo irônico e maiêutico, era buscar a verdade universal, que direcionaria a prática moral dos seres humanos (MORENTE, 1976, p. 46; LUCKESI; PASSOS, 2000, p. 94).

Em relação à maiêutica, assim como sobre toda a contribuição de Sócrates para a filosofia, há um grande embate: como Sócrates não deixou seus próprios escritos, coube a seus discípulos, principalmente Platão (428-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), a tarefa de transcrever seus ensinamentos. Assim, determinar o que foi realmente dito e desenvolvido pelo Sócrates histórico ou por interpretação de seus discípulos, apesar de sua relevância para a história da filosofia, é tarefa árdua e extensa, não se enquadrando nos objetivos dessa síntese.



Todavia, é importante salientar que maiêutica é um método que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto. A maiêutica socrática tem como significado “dar à luz”, “parto”, “parir” o conhecimento. É um método que pressupõe que a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar à medida em que se empreende uma reflexão sobre o tema, mediada pelo exercício de responder a uma série de perguntas sobre aquilo que se destina conhecer (MORENTE, 1976,p.41).

Para Sócrates a consciência da própria ignorância é o começo da Filosofia. Sócrates procurava a essência, definição daquilo que uma coisa, uma ideia, um valor é verdadeiramente. Procurava o conceito e não a mera opinião que temos de nós mesmos, das coisas, das ideias e dos valores. Por isso, Sócrates não se interessava pela opinião, pois ela poderia variar, interessava-se sim pela essência, pelo conceito daquilo que almejava conhecer (CHAUÍ, 2000, p.44).

Sócrates fazia perguntas sobre as ideias, sobre os valores nos quais os gregos acreditavam e que julgavam conhecer. Suas perguntas deixavam os interlocutores embaraçados, irritados, curiosos, pois, quando tentavam responder ao célebre “o que é?”, descobriam, surpresos, que não sabiam responder e que nunca tinham pensado em suas crenças, seus valores e suas ideias (CHAUÍ, 2000, p.44).

Por isso, Sócrates não perguntava se tal ou qual coisa era boa ou ruim, se tal pessoa era feliz ou infeliz - pois a opinião sobre determinado assunto poderia variar de um sujeito para outro. Objetivava a elucidação do conceito, da essência, da verdade sobre o que lhe era de interesse questionar.

A pergunta central da maiêutica socrática residia em desvendar o fundamento racional daquilo que se fala e que se pensa. A pergunta então a se fazer seria: O que é a bondade? Qual é a essência ou o conceito do bem? O que é a felicidade? Qual é a essência ou o conceito da felicidade?

O exercício de filosofar direcionado a partir de questionamentos, que se desdobravam em outros novos questionamentos, levariam o interlocutor ao conhecimento da essência verdadeira da coisa, à descoberta da verdade para além do senso comum, e essa verdade serviria para o aprimoramento de sua conduta moral, trazendo-lhe conseqüentemente, as ferramentas para uma vida feliz.



FILOSOFIA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A palavra filosofia (*philos-sophia*) é derivada do latim *philosophia*, e originou-se a partir do termo grego homônimo, formado pela junção das palavras *philein*, que significa “gostar muito” ou “amar; e *sophis*, que quer dizer “sábio” ou “o que estuda”, em uma tradução livre significa “amor pelo conhecimento” ou “gosto pela sabedoria” (CUNHA, 2010, p. 94).

A filosofia recebe diversos conceitos e definições desde seu surgimento. Cada filósofo, cada grande pensador, ao longo da história, desenvolveu seu conceito de filosofia e a definiu a partir de suas convicções, que, por sua vez, eram lapidadas dentro de um contexto social, político, econômico e cultural.

Nesse sentido, a procura pelo significado de filosofia é uma tarefa extenuante e possivelmente um exercício infrutífero se o resultado esperado for uma doutrina, um saber acabado ou uma verdade estabelecida, seja pela natureza da própria concepção filosófica, seja pela multiplicidade de conceitos e definições concebidos ao longo da história. A busca por uma definição formal, rígida e atemporal do que seja a filosofia limita sua essência e vai no sentido oposto ao exercício da reflexão filosófica.

No entanto, pode-se afirmar que o pensamento filosófico está sempre a refletir o contexto de um grupo social, classe ou povo a que pertence, em determinado momento histórico. Os filósofos de cada tempo interpretam e explicam a realidade de seu povo e a sua própria.

A filosofia é consequência das necessidades de um povo ou de uma classe em determinada época e se encarrega de justificar esse espírito pela experimentação ou pela razão, buscando revelar a verdade desse conceito para além do senso comum. Sofre influência histórica ao mesmo tempo em que a afeta, de acordo com os interesses dos inventores ou criadores e propagadores dessas ideias (LUCKESI; PASSOS, 2000, p.88-89).

No entanto, apesar de ser uma construção histórica, a definição de filosofia apresenta uma unicidade ao longo do tempo em relação ao seu objeto, qual seria o conhecimento, obtido a partir de um exercício de questionar e pensar, baseado na razão, que tem como objetivo a



compreensão do mundo e os fundamentos da *práxis* humana nas suas diversas dimensões – existencial, política, social, educativa, etc. (LUCKESI; PASSOS, 2000, p.74).

Partindo dessa perspectiva, a filosofia pode ser entendida como ferramenta, instrumento de ação com a ajuda da qual o homem conhece a natureza e busca o conforto físico e espiritual para a vida. Pode-se ainda definir a filosofia como “uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir” (POLITZER, 19879, p15).

Nesse sentido, o pensamento filosófico é uma forma sistematizada de compreender o mundo, a partir de um método lógico, racional, que viabiliza um modo coerente e articulado de agir (BASBAUM, 1978, p.21).

A filosofia é um entendimento crítico da realidade, sempre em processo, inventariando, criticando e reconstruindo os próprios princípios. É, desse modo, um processo permanente de crítica dos valores, sentidos e significados da existência, da realidade, do mundo, da ação e da vida (LUCKESI; PASSOS, 2000, p.103).

Segundo Chauí, uma primeira resposta à pergunta “O que é Filosofia?” poderia ser:

A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes tê-los investigado e compreendido. Perguntaram, certa vez, a um filósofo: “Para que Filosofia?”. E ele respondeu: ‘Para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações’ (CHAUÍ, 2012, p.9).

Severino (1999, p.15), entende como filosofia como o trabalho reflexivo-interpretativo da inteligência humana. Para este autor diferencia-se, no entanto, o pensar filosófico das formas de pensar que constituem o senso comum. A reflexão filosófica implica certo grau de consciência, consistência interna, de coesão e sistematicidade, diferente do exercício elementar de pensar, apesar de não negar o caráter de uma “protoforma de consciência filosófica”, situada no nível da pré-reflexão.

Trata-se de uma forma de reflexão sistemática e intencionalmente voltada sobre a própria condição humana, no sentido de encontrar, mediante processos epistêmicos específicos, significações conceituais e valorativas, capazes de dar conta das indagações que o homem levanta em sua consciência a respeito dos vários aspectos do real. A atividade filosófica desenvolve-se de maneira explícita, tematizando tanto a realidade pensada como a própria atividade de pensar, de forma técnica, metódica e sistemática (SEVERINO, 1999, p. 22).



FELICIDADE: UMA REFLEXÃO

A Filosofia se volta para as questões humanas no plano do pensamento e da ação, ou seja, no plano das ideias, dos valores e das crenças individuais e sociais, das questões morais e políticas, que determinam o comportamento, estando este sempre situado num contexto social e material específico, pois todo pensar e todo agir acontece numa determinada conjuntura.

Existe uma estreita relação entre o pensamento e o momento histórico no qual ele foi construído e, por mais abstrato que possa parecer um pensamento, ele traz em si as marcas de seu tempo e de seu lugar (BAUSBAUM, 1978, p.309; CHAÚÍ, 2000, p. 45; GOMES, 1980, p. 22).

O ponto de partida da Filosofia é a confiança no pensamento ou no homem como um ser racional, capaz de conhecer-se a si mesmo e, portanto, capaz de reflexão. Reflexão é a volta que o pensamento faz sobre si mesmo para conhecer-se; é a consciência conhecendo-se a si mesma com capacidade para conhecer as coisas, alcançando o conceito ou a essência delas (CHAÚÍ, 2000, p.46).

Uma reflexão filosófica consiste em buscar a essência de uma questão, a raiz do problema a ser desvendado, de forma rigorosa e situado num contexto social e material específico, pois todo pensar é um pensar contextualizado, existe uma estreita relação entre o pensamento e o momento histórico que o forjou e, por mais abstrato que possa parecer um pensamento, traz em si as marcas de seu tempo e de seu lugar (BAUSBAUM, 1978, p. 309; GOMES, 1994, p. 22).

A palavra reflexão, derivada do latim – *reflectare*, significa retroceder, voltar. A reflexão incita o exame das questões, dos fenômenos, da verdade estabelecida por um outro ângulo, despertando para a superação do senso comum à medida em que se desenvolve uma consciência crítica sobre a realidade. A reflexão e o trabalho do pensamento são tomados como uma purificação intelectual, que permite ao espírito humano conhecer a verdade invisível, imutável, universal e necessária (CHAÚÍ, 2000, p. 47).

Assim, quando analisada a questão “felicidade” observa-se que esta tem sido objeto de análise ao longo da história da filosofia e demais ciências. Na sociedade contemporânea



felicidade é um tema manifesto, constituindo inclusive um índice a ser alcançado e passível de mensuração, como é o caso do indicador de Felicidade Interna Bruta - FIB, da Organização das Nações Unidas – ONU.

Pesquisas de opinião sobre a felicidade decorrem da década de 1960, quando se inaugura um grande debate metodológico, uma vez que não se pode medir a felicidade da mesma maneira que se quantifica variáveis físicas dos indivíduos, como altura e peso. Estudiosos da felicidade apontam que observar este fenômeno diretamente é algo difícil de ser concebido mesmo que especulativamente (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006, p. 522).

Assim, os estudos sobre a felicidade têm se desenvolvido, nas últimas décadas, por meio de pesquisas aplicadas em amostras representativas de diversas sociedades para o entendimento de como se determina o bem-estar subjetivo dos indivíduos. Uma das mais contundentes críticas a esses estudos decorre de sua metodologia (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006, p. 522).

Para aferir a felicidade dos indivíduos, a maioria das pesquisas questiona sobre assuntos correlatos à felicidade e não diretamente sobre ela. Em outras palavras, os entrevistados são indagados sobre as coisas que possuem ou não possuem e que teoricamente são capazes de trazer felicidade.

Uma grande implicação dessas pesquisas é que a felicidade tem sido atribuída a uma série de fatores externos ao indivíduo, como renda, saúde, consumo, etc. Um dado importantíssimo revelado pelas pesquisas sobre a felicidade é que a maioria das pessoas não tem uma opinião formada sobre o que seja felicidade. Na verdade, os entrevistados acabam por informar o nível de felicidade que elas deveriam ter dado suas condições pessoais (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006, p. 522).

Segundo as análises de Ferraz e Fuentes-Rojas (2018) sobre a obra de Sewaybricker (2017), observa-se que o avanço teórico em torno da questão felicidade é bastante restrito, no sentido de que as investigações sobre esta temática têm sido feitas, quase que invariavelmente, sob uma perspectiva: como um objeto científico e não filosófico.

Nesse sentido, Sewaybricker (2017) alerta que estudar a felicidade enquanto objeto em constante transformação - tornando-a mensurável, fragmentada e acrescida de novos sinônimos e correlatos - pode conduzir ao abandono de importantes discussões. Segundo o



referido autor, trazer discussões sobre temas adjacentes à felicidade, pode não ser tão promissor quanto “estudá-la enquanto objeto em constante transformação”.

Em relação aos modos de vida, analisando a visão moderna sobre a felicidade, questiona-se se realmente há progresso no caminho que conduz a ela. De acordo com Lipovestky (2007), é possível que se esteja em um movimento contrário, que direciona à uma crença que leva a confundir bem-estar material e vida feliz.

O termo felicidade possui uma vasta gama de conceitos e noções e perpassa por diferentes áreas do conhecimento humano, seja ele filosófico ou científico. Defini-lo de forma rígida e unidimensional, especificá-lo de forma consistente e abrangente, é uma árdua tarefa, que por vezes não expressa a dimensão e importância desse termo para a humanidade.

Analisando etimologicamente a palavra felicidade é possível observar que em várias línguas, a raiz da palavra está, quase que invariavelmente, relacionada à noção de sorte, de destino favorável. Em grego, *eudaimonia* pode ser entendida como ter um bom *daimôn*, figura equivalente a um anjo da guarda. Em francês, *bonheur* vem do latim *bonum augurium*: “bom augúrio”. Em inglês, *happiness* provém da raiz islandesa *happ*, “sorte” (LENOIR, 2016, p.10).

Na sociedade contemporânea observa-se que, dentre as diversas definições de felicidade, a maioria delas faz menção a um estado emocional positivo, com sentimentos de bem-estar e prazer.

Segundo Houaiss (2018) felicidade é definida como: “1. Qualidade ou estado de feliz, estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento, bem-estar; 2. boa fortuna, sorte; 3. bom êxito, acerto, sucesso”.

É certo que cada área do conhecimento se apropria desse termo e o define de acordo com os seus objetos e objetivos de análise e o investiga minuciosamente a partir de seus métodos. Essa visão direcionada e especializada levou a uma compartimentação do conhecimento sobre a felicidade.

Uma análise das publicações sobre o tema felicidade nas últimas décadas empreendida por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007); Comim e Santos (2010) e Campos e Fuentes-Rojas (2017) leva à verificação de que essa questão vem sendo tratada de forma segmentada e periférica, com abordagem de questões correlatas como qualidade de vida, saúde e satisfação pessoal,



que não consideram a questão na sua integralidade.

FELICIDADE: UMA QUESTÃO FILOSÓFICA

A felicidade tem sido objeto de apreciação e perseguição desde a antiguidade clássica. A filosofia antiga nos apresenta a “*eudaimonia*” (felicidade) como um de seus temas mais importantes, concebida pelas principais escolas filosóficas gregas como o maior dentre todos os bens humanos e que tem nas obras de Aristóteles, a cunhagem filosófica do termo (SCORSOLINI-COSMIM; SANTOS, 2010, p.189).

No período pré-socrático a felicidade estava condicionada a fatores externos ao homem, subordinada aos desígnios dos deuses. Essa concepção religiosa da felicidade perdurou por séculos nas mais diversas culturas. No século IV a.C, Sócrates inaugura um paradigma a partir do qual a felicidade é uma tarefa de responsabilidade do indivíduo, apontando a filosofia como o caminho que conduziria a esse estado (FERRAZ; TAVAREZ; ZILBERMAN, 2006, p. 236).

A partir de então, a felicidade será um tema recorrente em toda a história da filosofia, nas palavras de Sócrates do “*Eutidemo*”: “todos nós aspiramos ser felizes, é demasiadamente humana a busca que a tem por fim” (PEROZZO, 2010, p.24).

Dando continuidade e avançando sobre as percepções de Sócrates, Aristóteles, chega à conclusão de que todos os objetivos perseguidos pela humanidade – como a beleza, a riqueza, a saúde e o poder – eram meios de se atingir a felicidade, sendo esta última a única virtude buscada como um bem por si mesma (FERRAZ; TAVAREZ; ZILBERMAN, 2006, p. 236).

Em seus tratados sobre felicidade Aristóteles faz menção à tarefa da autorrealização do ser humano em um horizonte partilhado com as virtudes éticas. Para ele a felicidade era “o bem supremo e que pode ser obtido através da ação humana”, sem desconsiderar, no entanto, as questões sobre o sentido do prazer e do sofrimento, formas da excelência ética e do domínio de si (ARISTÓTELES, 2009, p.15).

Epicuro (341-270 a.C) observa que a filosofia é a educação que possibilita a diferenciação da natureza do bem daquela do excesso, para que realmente se torne possível “cuidar das coisas que trazem felicidade”



Não são nem bebidas, nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor de peixes ou de outras iguarias de umamesa farta, que tornam uma vida feliz, mas o cálculo cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que afaste as falsas opiniões em virtude das quais uma grande perturbação toma conta das almas. A partir de então, a felicidade será um tema recorrente em toda a história da filosofia (PEROZZO, 2010, p.24).

Epicuro compreende a felicidade da maneira tradicional que a concebe o pensamento grego: é uma compensação da vida virtuosa. Contudo, não em um tempo posterior à própria vida, não no somatório de todas as realizações da vida, mas no momento mesmo em que se vive, para todos aqueles que acreditarem ser possível filosofar, rir e, ao mesmo tempo, cuidar dos afazeres diários (PEROZZO, 2010, p.27)

É certo que pesquisadores de diversas áreas do conhecimento tem procurado desvendar o que seja a felicidade, mais precisamente, têm buscado revelar o(s) caminho(s) para a felicidade. No entanto, tem se ocupado de questões adjacentes a ela e nesse sentido é válido o questionamento: como poderia a ciência moderna traçar essa vereda se os próprios indivíduos não têm clareza do que seja a felicidade ou mesmo sobre qual seria o papel do indivíduo sobre a sua felicidade? Talvez, seja tempo propício para uma reflexão filosófica sobre a felicidade,

Ao discorrer sobre felicidade e filosofia, Lenoir (2016, p.10) lança o seguinte questionamento: “se somos propensos, por nossa natureza, ou pelo destino, a ser felizes ou infelizes, uma reflexão sobre a felicidade pode nos ajudar a ser mais felizes?” e afirma:

A experiência, confirmada por inúmeras pesquisas científicas, mostra que temos certa responsabilidade pelo fato de sermos felizes (ou de não o ser). A felicidade ao mesmo tempo nos escapa e depende de nós. Somos *condicionados*, mas não *determinados* a ser mais ou menos felizes. Temos, portanto, a faculdade, notadamente pelo uso da razão e da vontade, de aumentar nossa capacidade de sermos felizes (sem que, por isso, o sucesso da busca nos seja garantido) (LENOIR, 2016, p.10).

Ao proclamar que nada se sabe, Sócrates admite que é preciso buscar o conhecimento, e nessa busca pelo saber, busca-se o aperfeiçoamento da alma e do bem viver; busca-se o limite indispensável à virtude, busca-se o autoconhecimento.

Compartilhando desse pensamento, muitos filósofos elaboraram suas teses sobre questões que podem nos levar a viver uma vida mais feliz, como a virtude e a ética. Segundo Epicuro seria essa a principal razão de ser da filosofia, uma atividade que, por discursos e reflexões, nos proporciona a vida feliz (LENOIR, 2016, p.11).

Para a psiquiatria moderna a felicidade é um fenômeno predominantemente



subjetivo, estando subordinada mais a traços psicológicos e socioculturais do que a fatores externamentedeterminados (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007, p.234).

Fica evidente que a simples coleta de informações e estatísticas não são suficientes para medir a felicidade, pois esta tarefa inclui uma reflexão mais profunda sobre as influências e transformações pelas quais passam os indivíduos ao longo de sua vida.

Assim, qualquer método que se aplique ao estudo da felicidade deverá adotar uma abordagem crítica para associar questões relacionadas à subjetividade dos indivíduos e a sua percepção sobre o que seja de fato a felicidade, por meio da escolha de perguntas que representem uma atitude filosófica sobre os fatores associados ao ser feliz (CIZOTO; CARTONI, 2016, p.12).

Ao afirmar “Só sei que nada sei”, Sócrates levava as pessoas ao questionamento de seus conhecimentos para que novos fossem gerados. Por isso, podemos dizer que, por meio de perguntas, Sócrates desconstruía o saber instituído para em seguida reconstruí-lo a partir da reflexão crítica da realidade e valores levando as pessoas a revisitarem seus argumentos e suas verdades pré-estabelecidas (CIZOTO; CARTONI, 2016, p.28).

Ao afirmar “Conhece-te a ti mesmo”, Sócrates propõe fazer do autoconhecimento ou do conhecimento que os homens têm de si mesmos a condição de todos os outros conhecimentos verdadeiros, para o conhecimento do homem, particularmente de seu espírito e de sua capacidade para conhecer a verdade. (CHAUÍ, 2012, p. 52)

Sócrates indagava as pessoas sobre o que eram os valores nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir, como nos exemplos de Chauí:

O que é a amizade? O que é a justiça? O que é a piedade? O que é a coragem? A resposta que os atenienses indicavam era: são virtudes. Então Sócrates perguntava de novo: O que é a virtude? E a resposta das pessoas: virtude é agir de acordo com o bem. E, claro, Sócrates questionava: O que é o bem? (CHAUÍ, 2012, p. 53).

Percebe-se que as perguntas de Sócrates levavam seus interlocutores a reconhecer que suas respostas não passavam de ideias pré-estabelecidas, apreendidas ao longo da sua existência e que nada continham de reflexão própria, ou seja, que nunca haviam questionado tais ideias, que apenas estavam a repetir aquilo que um dia houveram aprendido (CIZOTO; CARTONI, 2016, p.30).

Sócrates fundava seus questionamentos nas ideias e valores pré-estabelecidos e



considerados verdades absolutas para a sociedade ateniense. Seus interlocutores se viam constrangidos e curiosos ao perceberem que não sabiam responder a questões basilares à sua existência e que jamais haviam questionado suas próprias crenças e valores (CIZOTO; CARTONI, 2016, p.30).

Chauí (2012, p. 47) indaga “Como os costumes que herdamos do nosso grupo social se tornam tão intensos nas nossas ações, tão inquestionáveis? Por que nos parecem uma ‘medida universal’ a ser seguida?”. E o mais interessante é que o questionamento levantado por Chauí se coloca tão pertinente quanto quando levantado por Sócrates.

Nesse sentido a referida autora explica que “os costumes, por serem muito anteriores ao nosso nascimento e por estarem enraizados na trama da sociedade, são tidos como inquestionáveis e, muitas vezes, quase sagrados” (CHAUÍ, 2012, p. 52).

Assim, a contribuição de Sócrates estava em suscitar o questionamento dessas verdades, perguntando o que eram, o que valiam e qual a origem desses costumes. Questionava sobre o sentido dos costumes estabelecidos, os valores éticos ou morais da sociedade, transmitidos de geração a geração.

Além disso, ao interpelar seus interlocutores, Sócrates suscitava a reflexão sobre as disposições de caráter, das características das condutas individuais que impulsionavam o ser a respeitar ou a transgredir os valores e quais as motivações que o faziam agir num sentido ou no outro. A indagação ética socrática dirige-se a dois focos: à sociedade e ao indivíduo (CIZOTO; CARTONI, 2016, p.30).

Chauí indica a influência e o poder das questões socráticas:

As questões socráticas inauguram a ética ou filosofia moral, porque definem o campo no qual valores e obrigações morais podem ser estabelecidas pela determinação de seu ponto de partida: a consciência do agente moral. É sujeito ético ou moral somente aquele que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua



ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais. Sócrates afirma que apenas o ignorante é vicioso ou incapaz de virtude, pois quem sabe o que é o bem não poderá deixar de agir virtuosamente. (CHAUÍ, 2012, p. 387).

Nesse sentido, observando os resultados das pesquisas sobre felicidade empreendidas em pleno século XXI, é plausível lançar o questionamento: “os indivíduos conseguem valorar a felicidade no âmbito de sua subjetividade ou este seria um conceito, uma verdade, um valor, pré-estabelecido pela sociedade, apenas reproduzido de forma automática e sem o exercício da autorreflexão? Seria pertinente pensar na aplicação do método socrático para responder o que seria a felicidade no plano individual?”

Para responder a esta indagação voltamos à Luckesi e Passos, donde fora extraída sentença, no sentido de corroborar com a resposta ao questionamento proposto:

A pretensão de Sócrates era chegar à verdade, que se compunha de um mundo de conceitos universais, coerentes e moralmente honestos. O objetivo último do filosofar – pelo meio do diálogo irônico e maiêutico – era buscar a verdade universal, verdade essa que, por ser verdade, direcionaria a prática moral dos seres humanos (LUCKESI; PASSOS, 2000, p. 94)

Luckesi e Passos ainda contribuem com essa discussão ao afirmarem que a filosofia trata do cotidiano dos indivíduos e suas relações sociais, buscando investigar o sentido e o papel da conduta humana. Assim, ao tratar de questões relacionadas à prática humana, seja no âmbito individual ou coletivo, mesmo que de forma abstrata, se fundamenta na realidade concreta e só tem significação como “um saber que se voltará para o concreto, oferecendo-lhe, sob a forma de visão do mundo, um direcionamento para a *práxis* (LUCKESI; PASSOS, 2000, p.94).

A filosofia cumprirá bem o seu papel de norteadora da *práxis* humana, na medida em que ultrapasse os limites individuais de autores e estudiosos acadêmicos e dê forma ao modo de pensar e de ser da multidão, das grandes massas. O poder do pensamento filosófico está na possibilidade de direcionar o sentido e o significado do cotidiano da coletividade social (LUCKESI; PASSOS, 2000, p.92).

Considerando então a filosofia como uma concepção de mundo, ela é instrumento para mudança de paradigmas quanto às mais diversas questões concernentes à sociedade, inclusive em relação à felicidade. Para isso, é mister que a filosofia ultrapasse as barreiras das atividades



acadêmicas e científicas e alcance os indivíduos de uma sociedade de forma plena, para que assim, possa suscitar e fundamentar a reflexão e a busca pela verdade individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da multiplicidade de pensadores e dos mais diversos contextos em que a filosofia tenha sido objeto de acareação, uma questão está presente nas definições do que seja a filosofia desde a antiguidade clássica: o pensamento humano e a sua compreensão do mundo. Ao longo da história, a filosofia tem se ocupado das mais diversas questões concernentes ao homem enquanto indivíduo e enquanto membro de uma sociedade integralizada de valores e princípios atinentes ao momento histórico de sua existência.

Observa-se que questões filosóficas da antiguidade clássica se perpetuaram no tempo e continuam latentes em pleno século XXI, como é o caso da felicidade. Verifica-se que, mesmo dispondo de métodos filosóficos milenares, a sociedade chega ao ano de 2018 sem conseguir decifrar questões basilares à sua existência como é a questão do ser feliz.

É possível perceber que a ciência moderna se apropriou desse conceito, e ao tentar entendê-lo acabou por segmentá-lo em pequenos fragmentos que, analisados de forma isolada, não o decifram, pelo contrário, estratificam-no, inviabilizando investigá-lo em sua totalidade.

Por fim, conclui-se que seja válida a retomada do exercício filosófico proposto por Sócrates que tem no autoconhecimento as condições primordiais para todos os outros conhecimentos verdadeiros, para o conhecimento do homem, particularmente de seu espírito e de sua capacidade para conhecer a verdade.

Assim, recomenda-se que qualquer estudo, pesquisa, qualquer tentativa de se proponha a investigar o que seja a felicidade deverá se valer de uma abordagem filosófica, dotada de senso crítico e sistematização, que possibilitem associar questões relativas à subjetividade dos indivíduos e a sua percepção sobre o que seja de fato a felicidade, por meio de um método que caracterize uma atitude filosófica sobre os fatores associados ao ser feliz.

REFERÊNCIAS



ARANHA, M.L de A; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4º ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009, 479p.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009, 296p.

BASBAUM, L. **Sociologia do materialismo**. São Paulo: Símbolo, 1980, 429p.

CAMPOS, P.P.T; FUENTES-ROJAS, M. A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE FELICIDADE EM PERIÓDICOS BRASILEIROS. **Revista Ensaios Pioneiros**, São Carlos, v.1, n. 1, p.86-101, 2017.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, 567p.

CIZOTO, A. S; CARTONI, D.M. **Ética, política e sociedade**. Londrina: Educacional S.A., 2016, 264p.

CORBI, R. B; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista Economia Política**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 518-536, 2006.

CUNHA, A.G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4º ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010, 744p.

DEPINÉ, A.C. GOMES, A.K. SOARES, J.S. **O SURGIMENTO DA FILOSOFIA E A**

EVOLUÇÃO DOS MITOS: a importância da Escola Jônica para a construção da racionalidade. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 10., 2009, Porto Alegre: PUCRS, 2009. p.1658-1660.

FERRAZ, R.B; TAVARES, H; ZILBERMAN M.L. Felicidade: uma revisão. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 234-242, 2007.

GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. 11º ed. São Paulo: Cortez, 1994, 124p.

HOUAISS, A. **Dicionário Online da Língua Portuguesa**. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/felicidade/>>. Acesso em 03 dez. 2018.

LENOIR, F. **Sobre a felicidade**: uma viagem filosófica. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2016, 164p.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 402p.

LUCKESI, C.C; PASSOS, E.S. **Introdução à filosofia**: aprendendo a pensar. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2000, 271p.

MORENTE, M.G. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1976, 358p.

OLIVA, Alberto; GUERREIRO, Mario. Pré-socráticos: a invenção da filosofia. Campinas: Papyrus, 2000, 222p.

PEROZZO, C. C. **A felicidade epicurista. Ruptura ou reformulação?** Ítaca, [S.l.], n. 15, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufri.br/index.php/Itaca/article/view/284>>. Acesso em: 09 dez. 2018, p.24-33.

POLITZER, G. **Princípios fundamentais da filosofia**. São Paulo: Hemus, 1979, 1640.



SCORSOLINI-COMIM, F; SANTOS, M.A. O estudo científico da felicidade e a promoção da saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n.3, p. 472-479, 2010.

SEWAYBRICKER, L.S. **Felicidade**: utopia, pluralidade e política. A delimitação da felicidade enquanto objeto para a ciência. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, SP, 2017, 186p.

SEVERINO, A. J. **A filosofia contemporânea no Brasil**. 2º edição. Petrópolis: Vozes, 1999, 256p.

Claudinei Nascimento – Mestrando em Geografia pela UFC. Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Faculdade Dom Alberto. E no momento faz o curso de especialização em Psicometria, pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Graduado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH) - mantido pelo Centro de Ensino Superior do Brasil (CESB) -, em Goiânia-TO. Atualmente é professor voluntário da Escola Paulo XV, em Tocantinópolis-TO. Tem experiência como professor do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, tendo atuado na Escola Estadual Bartolomeu Bueno da Silva de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019, em Carmolândia-TO. E na Escola Estadual Manoel Gomes da Cunha de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020. Além disso tem experiência com comunidades ribeirinhas, assentados e camponeses que vivem em acampamento, desenvolvendo com esses palestras, cursos, e acompanhando a luta por uma vida melhor. Desenvolveu trabalho voluntário com Comissão da Pastoral da Terra (CPT), junto as comunidades indígenas no MT. Desenvolve ainda trabalhos em parcerias com grupos e pastorais na Igreja Católica.

Recebido para publicação em 07 de setembro de 2020.

Aceito para publicação em 02 de fevereiro de 2021.

Publicado em 26 de maio de 2021.